

ANNO 5.

SABADO 4 DE MAIO DE 1872

N. 227



"(Continua). Felizmente visto estas coisas por um oculo: nado temido com elas. Deos pernaltas que outro tanto succeda ao collega dos Eclesiasticos.

A VIDA FLUMINENSE.

Rio, 4 de Maio de 1871.

As boas idéias dependem de uma boa digestão.
Não sei a que Epicuro moderno deva atribuir a paternidade d'este princípio.

Seja de quem for, é uma grande verdade phisiologica.

Não há cabeça que pense quando o estomago desarrasa ou functiona em seco.

A fome e as perturbações digestivas são os dous phantasmagorios que afugentam as grandes idéias.

Archimedes, não o diga embora a historia, estava de barriga cheia quando gritou: — *Eureka!*

Chatterton, o poeta, não teria vendido a alma ao diabo e hypothecado o corpo aos credores, si uma pequena aura de ventura embalasse-lhe ao menos o estomago nos dias luctuosos da adversidade.

Napoleão, o genio das batalhas, porque escreveu a ultima palavra de sua gloria em Waterloo?

Porque o astro rei, na hora solenme do occaso, encontrou-o sem jantar, quando as balas vinham, na phrase do nosso vale, lambem submissas as patas do seu corcel.

A sorte da França dependeu n'aquele dia de um bife de grelha!

Dessem ao primeiro homem do seculo um bife ou um caldo, e o orgulho britanico não ergueria o soberbo feão de granito no lugar onde eclipsou-se o meteoro.

Resam as chronicas que Alexandre, estando alcoolizado, assassinou seu amigo Clyto em um lauto banquete.

A meu ver, este mau pensamento, realizado à meza, foi o fructo fatal de uma grande indigestão em comço.

Certo estadista nosso estava indigesto, quando concebeu o progressismo.

Indigesto estava também o politico que obrigou o paiz a vestir a terrível camisa de onze varas da guerra do Paraguay.

Tudo quanto fica dito foi-me sugerido pela interminavel questão de S. Ex. Reverendissima com o padre Almeida Martins.

Não discuto qual dos dous tenha mais razão.

Fique esta tarefa para o Apostolo e Jornal do Commercio.

O que me parece fôra de duvida é que tanto o padre como o bispo estavam debaixo da influencia

de uma furiosa indigestão quando se propuseram; — o pojero, a pregar na Maçonaria aquelle celebre sorma¹) discurso, ou causa que melhor nome tenha; o segundo á suspender o orador por causa do discurso.

Que prejuizo causava a S. Ex., e á religião católica apóstolica romana, o facto do Sr. Almeida Martins rufar a caixa para chamar meninos para o seu collegio ? !

Creio, porém, que a causa incommodou-o muito.

Um inglez contava a um compatriota a conhecida fabula do *Cervo e a Raposa*.

Um corvo, trepado em uma arvore, tinha no bico um grande queijo.

Uma raposa mateira, atraída pelo odor da presa, começou debaixo a tecer o panegírico da bela e negra plumagem do corvo.

« Si o vosso canto, dizia o astuto animal, excede á belleza de tantos dotes, sois incontestavelmente o primor d'estes bosques. »

O corvo, embriagado por estas palavras, abre o bico para exhibir a voz e... deixa cair a presa, que é imediatamente devorada.

A moralidade d'esta fabula é por demais conhecida.

Cifra-se no seguinte: — Não nos devemos flhar nos aduladores.

O inglez, que isto contava ao compatriota, não quis exagerar esta moralidade.

Espirito positivo, considerou o facto em si, e disse ao seu companheiro :

« Cada uma deve come suo queijo sossinha. »

Assim é S. Ex.² Rvm.³ que entende ser elle o único, que deve ter todas as propinas d'este valle de lagrimas.

Batem-nos á porta as corridas do *Jockey Club*. Teremos de ver o Prado Fluminense frequentado pelo que ha de mais elegante em a nossa sociedade.

Já antevi o teatro da festa.

Os *jockeys*⁴—passando os seus cavalos, que relincham fogosos, esperando o primeiro grito da partida.

Os juizes da corrida—regulando a ordem, causa que não se vê nos spectaculos á tarde na Phoenix.

Os gritos de—fôra da raia!—intimidados a cada momento ao povo miúdo, que mette o nariz em tudo, menos nas sinecuras desta terra.

Apostas de subditos da Rainha Victoria.

Corrida sem apostas de inglez é jantar sem sobremesa.

O inglez não apostava para divertir-se ou para

ganhar como qualquer homem vulgar; a apostila é uma condição indeclinável de sua natureza.

A carreira do duas moscas que voam, a mulher que mais fala, o ministro que mais come, a mais pequena insignificância em si, fornece à um ingênuo motivo para apostar.

Como estou hoje em veia de contar casos sucedidos com ingleses, lá vai outro a propósito de aposta:

Mr. J. e Mr. L... apostaram qual dos dous morreria primeiro.

Depositou-se o dinheiro e lavraram-se as competentes escripturas.

Um dos apostantes, o que tinha sustentado que morreria primeiro, não querendo perder a aposta, atirou-se de um terceiro andar em pleno *Regent Street*.

Morreu em migalhas, mas.... ganhou!

Prova-se com isso que—quem aposta com inglez perde sempre.

Venemos nas proximas corridas.

* *

Abriram-se as camaras.

Não será por falta de bons parladores que este paiz deixara de ir à prosperidade.

No Brazil o primeiro requisito para tudo é saber fallar.

Ninguem está apto para exercer qualquer emprego, som que mestre primeiro que sabe descarrigar as syllabas de algumas palavras em períodos menos longos.

De tudo faz-se tribuna n'este abençoado solo, que se estende desde o Amazonas até o Prata.

Temos oradores políticos.

Oradores religiosos, maçons.

Oradores de esquina, que pregam ás massas, exaltando-as à revolução, a propósito do mais pequeno incidente que se dá na rua.

Oradores de porta de igreja. Esses aparecem em dia da eleição, pregam sempre a liberdade do voto, garantidos pelos cacetes e pela constituição política do Imperio.

Oradores de mesa são os que mais abundam. Inspiram-se diante dos peris rechelados e presuntos, e tiram quasi sempre os exordios dos seus discursos das amabilidades do dono da casa.

Oradores.... Saria um nunca acabar!

* *

Vou terminar, dando aos leitores uma agradável noticia.

Dizem que o Rossi deve chegar brevemente á estas plagas.

Vamos tornar a ver Hamleto, Othelo, Macbeth

na harmoniosa língua do Dante, que não tem rival no mundo.

Seja bem vindo o artista.

Não faltarão flores para juncar-lhe o palco de glória.

Até sábado.

Z.

Belicções.

Deixai-los falar-lhos, que elles se calardo-se-hão-se!

E as couças hão de ficar, por fim, no pé em que se achão, e em que estavão de ha muito... desde o tempo do famoso Marquez de Poinhal.

Nem o Sr. D. Pedro de Lacerda ha de nunca perdoar o macionismo do Rev. Almeida Martins, nem a Imperatriz Negra do jesuitismo deixará de proseguir na sua portinaz crusada contra todas as idéias boas e generosas, contra todos os esforços benéficos da civilização.

Caminhar, mas descrevendo sempre um círculo, como fazem os cavaleiros nos círculos ; caminhar, mas sem adiantar um passo, como fazem as feras em suas jaulas ; caminhar, por assim dizer, *parado*, eis o que fazem os *Coroados* (raça selvagem e antropófaga—que se disfurga sob santarrenas batinas), eis o que fazem os irmãos em Christo, os Loyolistas, mirim, com quem os maçons se achão actualmente a bracos.

Deixai-los falar-lhos, que elles se calardo-se-hão-se!

Debalde solta seu protesto soleá que essa sociedade de beneficencia que se chama maçonaria.

Não levárá, por certo, avanto seu mais que justo propósito.

Malhão em ferro frio !

* *

E como é desigual a luta !

Por um lado : pais de familia, cidadãos conspi-
cuous, negociantes respeitados, funcionários públicos conceituados, homens de mar e terra sobejamente
conhecidos, que alforrião escravos e benefício po-
bres, eis a maçonaria.

Por outro lado:... padres e frades... jesuitas e
irmãs de caridade.

Ali a boa fé, a caridade ; aqui a astúcia, a ga-
nancia.

Ali o homem ; aqui a víbora.

Aquelles apresentando-se em campo deserto, pleno dia, com armas leves ; estes jesuitando nas trevas e manejando o punhal.

De qual dos dous lados se pronunciará a victoria ?

* *

O que me parece altamente cómico é dizerem os
santardões que a maçonaria é condenada pela
igreja como sociedade secreta.

Huum teneatis?

Sociedade secreta !

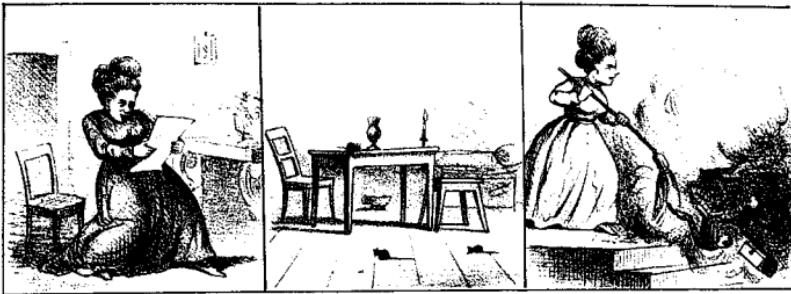
Orá, meus Coroados, outro oficio !

E o que são todos os conventos ?



"Nes meus braços, Sra' Bande;"
"Sai igual a 'grossa' sorte;"
"Nas 'micas', Sra' Bande Yeas"
"E... pacurronha de a morte."

"Um bife por vinte contos!"
Conto... que não é das mil e uma noites.



Quero um preparar um almoço para o meu Lord. Nós queremos que os negócios atrelados, um homenzinho assim! daí do céo.

Sai com continhamento da sala, que nos queremos que a sua casa seja a mais elegante da

Carraria e simples. Sabe que os hóspedes tem que ser de fato, mas que a sua porta forja.



Depois de lhe dizer o que queremos, um prato de cebola e um caldo de vendo - R\$ 600 Reais!!!!!! R\$ 19.999,400.

abro o sonho de que fica com duas ideias feias: estellar as algibeiras do Lord....

E preparar um almoço... esplendido... com sua vista....



Concluída a almoço, o portaria a expectativa da elaboradora o Lord volta ao Hotel para seguir sua viagem.

Procede-se à ultima forma invadida. (Se malandragem igual aquela do que se sonhou se ha visões de guerra à orientação.

*Epílogo
Bonaventura, reservada aos que sempre vinte contos por sono / bife!!!*

Que mais sonho sociiedades muito mais secretas do que a maçonaria?

Está fia suas sessões à noite; e se não dia ingresso a todos, sabem pelo menos todos o que nelas se faz: libertando-se escravos, congregam-se pensões a viúvas infelizes, nupcias se orfãos.

Nos conventos as sessões secretas são pela manhã, à tarde, à noite, a todas as horas e em todas as horas do dia, acrescendo que a ninguém é dado devassar o que nelas se resolve, o que nelas se traça contra a sociedade não Corada.

Ali moram os jesuítas em quartos reservados, convergam em salas reservadas, o conspiram com a maior reserva nos esconderijos mais reservados.

E de tudo quanto lá fazem, sabe-se pouco... que comem os melhores peixes que aparecem no mercado.

Nada mais.

E' nesses outros secretos que decidem e regolvem: mandar dons sacerdotais itálios para tal ponto, tres para tal outro; abrir um colégio jesuíta nesta cidade, outro naquella... estender, finalmente, por todo o Império a rede, que já nos vai tolhendo os movimentos e que breve nos reduzirá... ao que lhes convém que sejamos.

E condenamo, por sociedade secreta, a maçonaria!

Guitatos!

**

Já que estou com elles nos bicos da pena, deixem-me cantar o que vi (reparem bem: o que vi: não pensem que ouvi dizer) em 1850 na cidade de Itaú eu São Paulo.

Andava por ali um capuchinho italiano, anafado, risonho, e amável como nem todos costumam ser.

Razão tinha elle a falar para andar satisfeitosíssimo com seu negocio. Olá se tinha!

Se não havia mafos a medir! as encomendas dos cardeis chevito dos quatro pontos cardenais que era um gosto!

Entretanto sabem em que consisitia o negocio?

O virtuoso homem vendia, em pequenos vidinhos, um elixir cõr de orchata, infallivel contra diversas molestias, uma verdadeira panacea!

Querem tambem saber qual era elixir. Abi vase:

Era leite de uma Sancta, cujo nome: não me ocorre agora.

Santo homem!

**

Outra do mesmo genero.

E' extraída, com a maior fidelidade, do *Pharol* de 27 de Março:

JUZ DE FORA

Senana Santa

« O ourives Paranhos recebe encomendas para aneis com as iniciais J. M. J. os quens sendo

bentos são milagroso remedio para dores de dentes. »

Quem sofher dos dentes está avisado.

**

Mais outra, extraida do *Jornal da Bahia*.

« Na hospício da Piedade uma imagem de Santo António, a cujos pés repousa um moucheiro, destinado a recoller as cartas das devotas daquella sancto e daquelle hospício.

« Ah! de proprio punho escrevem e assignam aquellas almas cegas pela superstição a confissão dos pecados, que não referiram aos pés do padre, por esquecimento ou vergonha.

« A cada carta acompanha uma esportula, que, se vê, não pôde ser menor de 1500.

« Responde depois o sancto, perdoando os pecados e dâ-lo conselhos.

« Cada carta traz a morada daquella que a escreve.

(Compre-a-se a absolvição do pecado!) . Sacrifício!)

« E faz-se do nome de um benaventurado o editor responsável deste negocio: os outros são caixeiros!

Quem deu a esses homens o direito de abusar do nome de um sancto?

« Não basta que assim como no paganismo era cada deus o proprio de um vicio, si tivesse feito de S. Bartholomeu o patrono da carnificina, de S. Domingos o da残酷de, e de S. Ignacio o da hipocrisia, até Sancto António será agora o da especulação!

« Ah! elle era já pelos fanaticos soldado de polícia a prender escravos e negociador de caza-mentos: constituiram-no agora corrector do juiz supremo.

« Até onde subirá a impiedade!

« Contestam muitos a sanctidão da confissão particular: querem-na agora escrita.

« Querem almas simples deixando em poder de homens documentos irrefragáveis de sua fraqueza e de sua vergonha!

« E para isto é formula sacramental: Eu peccador me confesso a Deus, substituem est'outra: Eu me confesso a Antonio Sancto. »

Já viram?

Poligar e indicador

(Em colaboração)

Assumpto de varias cōrēas.

A semana começou por um festejo.

A 28 d'este grande parte da população da Corte, tendo à frente uma commissão composta dos Srs. Dr. Alfredo de Queiroz, Joaquim Antônio Teixeira e Aurelio Vidal, dirigiu-se à casa do Dr. Miguel Tavares, ex-Delgado de Policia, e na presença de numeroso concurso de convidados fez-lhe entrega

do seu retrato a óleo, e de duas cartas de alforria, que arrancavam ás garras da escravidão duas crinças de tenra idade.

Apoio a cerimônia seguiu-se uma brillante allocução,—pronunciada pelo Dr. Alfredo de Queiroz, o que me dispenso de publicar por já correr impressa, — e um discurso, proferido pela redação do *Diário de Notícias*, que em seguida transcrevo:

« Se a minha condição de estrangeiro me inhibiu de tomar parte n'esta sincera manifestação do povo brasileiro, a minha posição de humilhado jornalista e minha honesta e desinteressada intervenção em todos os pesares e em todas as alegrias d'esse povo generoso e hospitalar, coloca-me na restrita obrigação de erguer a minha voz a saudar por mais uma vez o magistrado intégrissimo, que soubo por sua inteligência, honestidade e interesse, grauegar o respeito e a estima pública.

« Não preciso enumerar os valiosos serviços prestados por V. S. durante o tempo que exerceu o importante cargo de 2º delegado da polícia da C.ô.-te. Elles fallam mais eloquientemente do que eu, e a prova exuberante de que estão no coração de todos, é este concurso exemplificado de cavalheiros que correm pressurosos a pagar uma dívida de gratidão.

« Se o progresso do paiz se a civilização, se a moralidade, devem incontestáveis servidores ao magistrado que nunca transigiu com a ilegalidade, é prova bastante esse tributo sincero que hoje vimos trazer ante V. S.

« Para o bom filho, para o bom esposo, para o bom pai, para o chefe da família exemplar, para o cidadão digno do mais elevado respeito e da mais alta estima, esta manifestação symboliza um grande monumento erguido pela moralidade e pelo sentimento de gratidão do povo brasileiro, que usa d'estas armas, pronunciando-se contra as injustiças que vibrou o pulhal da prepotência.

« Mas a despeito das intenções malevolas dos indiferentes ao mérito e à honra, lá está o supremo magistrado do império, que ainda honra-se perante V. S. se manifestou reconhecendo aos bons serviços que prestou, e sentido por si ter privado o seu povo de um funcionário que sempre respeitou a lei e cumpriu exemplarmente os deveres pezalissímos do seu cargo.

« Que mais deseja V. S.? Tem o povo e o Rei a seu lado. Ambos lhe dizem: — és um benemerito, espera; não ficas aqui as nossas manifestações. Tens talento, coragem e força de vontade — nós correremos os teus esforços.

« Na remanso da família, nos lindares da advocacia e mesmo nos labores da vida pública, o povo re-peitará sempre o magistrado que se ergueu tão alto, que perpetuou o seu nome no grande livro dos homens ilustres do seu paiz.

« Viva, puis, o povo brasileiro!

« Viva o Dr. Miguel Tavares! »

Outros discursos foram ainda proferidos, e

brilhantes improvisos mostraram por vezes o nobre talento oratório dos Drs. Duque-Estrada Teixeira e Luiz Guimarães Junior

A festa terminou por um baile animadíssimo prolongado até às duas da madrugada.

O Dr. Miguel Tavares que, durante o seu longo tirocínio policial, deu mostras de uma energia justificada a par de uma imparcialidade inexcedível, bem merecia que o povo lhe testemunhasse, a seu turno, a gratidão de que ha muito se achava possuído

As novidades theatrais limitam-se à inauguração da empreza Martins, no Cassino, brasileiro desde sábado até terça-feira, e francó-brasileiro a parte d'este ultimo dia

Emprezo astuto, o Martins, foi inaugurando o seu teatro-com a representação de duas comedias, que agradarão extraordinariamente, (seja dito sem rebuço) reservando para mais tarde a surpresa de adicionar a esse espectáculo, no qual, entretanto, deve cincos boas cazas, — as facetas francesas dê Auftray, os disparates: *burlsesco-francó-comicos* de Desir, e as saynettes igualmente francesas de Céline Pons.

Agora sim. Ha n'aquelle theairinho tudo quanto a variedade pode exigir, e não frequenta-lo seria crime... não previsto pelos codigos, mas de que todos os que escrevem codigos deverão ocupar-se seriamente inflingindo-lhe severas penas.

Na Phenix trata-se de pôr em cena o Ali-babá. de Garrido.

A musica, toda original ao que me dizem, foi confiada ao maestro Mesquita, que a está escrevendo.

Ainda bem. Mesquita é um talento vigoroso, uma inteligencia amestrada pelo estudo, e uma vez que não dispõe de theatro lyrico onde suas *operas* possam ser cantadas, vá ao menos fazendo alguma cousa de sua lavra, e pondo por uma vez de parte os *arranjos e remendos*, dignos só d'aqueles a quem Deos negou o genio preciso aos talentos criadores.

Eurico, (pseudonymo de um homem que sabe onde tem o nariz) enviou-nos o seu « *Ponto Negro*, » livrinho de que a imprensa diária se tem largamente ocupado.

Apesar de não conhecer-mos o author do tão importante trabalho, não deixaremos por isso de enviar-lhe as nossas sinceras *contumelias*.

A. DE A.

A VIDA FLUMINENSE

Nº 700
CONTOS



"Arde, São Fiscal, arde me fai bolas a esses cães, cachorros. Não vê que estão quase dormidos?
"Céntimo perdido, Ilustrissimo. Por mais bolas que tires ate... olham para elas, e não tires pugam."